



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG  
CENTRO DE HUMANIDADES – CH  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA – UAHIS  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS



**A INSERÇÃO DO ESTILO SOUL NA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA POR TIM  
MAIA: GÊNERO, CULTURA E IDENTIDADE RACIAL**

**RENATO CÁSSIO AZEVÊDO PADILHA**

**ORIENTADOR: JOSÉ BENJAMIM MONTENEGRO**

CAMPINA GRANDE – PB  
NOVEMBRO/2018

RENATO CÁSSIO AZEVÊDO PADILHA

**A INSERÇÃO DO ESTILO SOUL NA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA POR TIM  
MAIA: GÊNERO, CULTURA E IDENTIDADE RACIAL**

O presente artigo apresentado ao programa de pós – graduação do curso de especialização em educação para as relações étnico raciais da rede nacional de formação continuada da universidade federal de Campina Grande, SECADI/ MEC, como requisito para a obtenção do título de especialista.

**Orientador(a):** Prof. Dr. José Benjamim Montenegro

CAMPINA GRANDE – PB

NOVEMBRO/2018

RENATO CÁSSIO AZEVÊDO PADILHA

**A INSERÇÃO DO ESTILO SOUL NA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA POR TIM  
MAIA: GÊNERO, CULTURA E IDENTIDADE RACIAL**

Artigo apresentado como requisito para a obtenção do título de especialização no programa de pós – graduação do curso de Especialização em Educação para as Relações Étnico – Raciais da rede nacional de formação continuada da UFCG/SECADI/MEC, em comissão formada pelos professores:

Data da defesa e aprovação: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

Nota: \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. José Benjamim Montenegro  
ORIENTADOR – PRESIDENTE DA BANCA

---

Prof. Me. Jonathan Vilar dos Santos Leite  
EXAMINADOR INTERNO

---

Prof. Me. Fabiano Badú de Souza  
EXAMINADOR EXTERNO

## A INSERÇÃO DO ESTILO SOUL NA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA POR TIM MAIA: GÊNERO, CULTURA E IDENTIDADE RACIAL

PADILHA, Renato Cássio Azevêdo<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo traz uma breve discussão sobre a utilização da música popular brasileira como uma importante fonte histórica para pesquisas atuais do gênero musical e negro no decorrer do século XX, dando ainda atributos nos dias de hoje em especial a moda Soul music, trazida dos Estados Unidos por Tim Maia no final dos anos 1960, ressaltando a importância de um estilo musical propriamente negro com suas raízes do Jazz e o Blues, já aqui no Brasil ajudou a influenciar outros estilos a exemplo do Funk.

**Palavras-chave:** Trajetória artística, música-soul, estilo negro.

### ABSTRACT

This article presents a brief discussion about the use of Brazilian popular music as an important historical source for current researches of the musical and black genre during the course of the twentieth century, still giving attributes in the present day, especially the fashion Soul music, brought from the United States by Tim Maia in the late 1960s, emphasizing the importance of a properly black musical style with its roots of Jazz and Blues, and here in Brazil helped to influence other styles such as Funk.

**Keywords:** Artistic trajectory, music-soul, black style.

---

<sup>1</sup> Graduado e licenciado em história pela Universidade Federal de Campina Grande (2016), atualmente faz pesquisas na área de música popular.

## INTRODUÇÃO

Ao decorrer do século XX, falar sobre música popular podia significar algo sem muita importância considerado por algumas pessoas leigas sobre esse assunto, pois ela apenas podia representar um entretenimento ou seu uso para uma simples descontração em família no churrasco de domingo ou apenas para relembrar momentos vividos, entre outros fatores que vão integrando em nosso cotidiano. Na verdade o uso de nossa canção popular é uma importante base para o estudo de nossa cultura, assim como o cantor e compositor Alceu Valença trata na faixa **Cópias mal feitas**, um dos temas da novela Roque Santeiro em sua segunda versão de 1985, “... *quando será que nós iremos perceber, que nosso corpo nossa dança e nossa música, é nosso canto, nossa dança, nossa única maneira de caminhar...*” , nessa observação identifica-se como artistas veem a música não apenas como uma simples arte, mas como ela pode contribuir no sentido de gênero em nossa sociedade.

De certo modo a cultura musical pode ser abordada em diversos fatores, em nosso exemplo no curso de educação para as relações étnico raciais, ela pode ser usada em sala de aula para orientar o aluno de uma forma mais atrativa, pois a canção popular como um todo sempre atrai mais atenção das pessoas por seus ritmos e suíngues, reforçando uma tese em que o próprio Paulo Freire refere-se ao ensino, onde o mesmo exige pesquisa. Canções como as do próprio Tim Maia, que vão ser abordadas também nesse trabalho final a exemplo dos títulos *Eu amo você* e *África mãe*, podem ser usadas como fontes e explicam um período importante na revolução da música popular brasileira, incorporando fortemente um estilo novo no teor nacional e que nos faria questionarmos por que ela não pode ser compreendida na educação em nosso país? Pois, assim como a música é uma cultura, precisa ser levada para as salas de aula pelo motivo de aprendermos a não só tratar a canção popular como uma simples distração ou certo estilo de “mau gosto”, mas também se ter a noção do que é a nossa música popular e o que ela quer nos passar, porque tal letra? E como também vemos a sua função na história como registro.

Canções como *Eu amo você* têm suas origens a partir do blues e do jazz, que são estilos trazidos ou influenciados dos Estados Unidos por Sebastião Rodrigues Maia, ou simplesmente Tim Maia para o público, antes de tudo existem indícios de que o estilo jazz no Brasil já teria sua característica mais antiga por Tom Jobim. Tim em sua temporada fora do Brasil aprendeu ritmos nunca vistos antes ou pelo menos pouco abordados, com batidas diferentes, mais sincopadas, totalmente incomparável ao que se ouvia no fim dos anos 1960

em nosso país que naquele momento vivia a febre da jovem guarda liderada por artistas como Roberto Carlos, Jerry Adriani, Renato e Seus Blue Caps, entre outros do meio, pois eles cantavam um estilo mais para o rock ou o romântico popular.

\*

[...] “ mãe do noivo – uma índia quinzubeira” brigou feio com a noiva, em depressão cada vez mais profunda, e exigiu que o noivado acabasse imediatamente [...] (CAROLINA CAETANA)

Segundo Motta (2007), dependendo da mãe de Maria Imaculada, Dona **Carolina Caetana Nogueira**, a família Maia nunca teria se constituído e o som da música nacional talvez não fosse o mesmo, sofrendo de uma terrível depressão por ter sido deixada pelo marido que foi para a Itália e nunca mais voltou, jamais aceitava que a filha se envolvesse em qualquer relacionamento com seu Altivo Maia provavelmente pela cor de sua pele e seus ancestrais, além do mais no início ainda do século XX, o preconceito racial não teria freios e medidas, sendo visto até mesmo como um empecilho que poderia bloquear qualquer relação.

Nascido em 1942 e depois de crescido, quando completou 14 anos de idade, Sebastião montava seu primeiro conjunto musical já assumindo os vocais e a bateria, batizando sua primeira banda como os Tijucanos do Ritmo, sempre animando festinhas a exemplo de quermesses e domingueiras que eram geralmente organizadas no salão paroquial da igreja. No decorrer do tempo Sebastião aprendeu a tocar violão e seguia artistas norte – americanos pelo rádio com o estilo mais consagrado da época, o rock and roll inspirado por cantores como Bill Haley, Elvis Presley, Little Richard e Chuck Berry, quase todos os dias reunia-se com a turma e futuros cantores de sucesso a exemplo de Jorge Ben e Erasmo Carlos no restaurante e lanchonete do Divino, sempre tinham consigo um violão, mas a maioria do grupo nunca tinha sequer dinheiro para pagar o lanche.

Depois da formação do conjunto The Sputniks incluindo o cantor Roberto Carlos em seu elenco, o jovem Sebastião Maia tinha sua inspiração cada vez mais por artistas como Little Richard com seu jeito extravagante, um cantor negro, Gay, pintava as unhas, usava batom e tinha um cabelo arrepiado, com uma imagem que até então causava impacto, diferente de Roberto que era adepto mais ao estilo Elvis Presley, romântico e postura de bom rapaz.

Depois da morte de seu pai e o conjunto musical desmanchado, o jovem Sebastião Maia via o sonho americano a sua única saída, e foi para os Estados Unidos

[...] com o rock decadente e sem chances de se integrar ao mundinho Zona Sul da bossa nova, Tim se sentia mais preto, mais gordo e pobre do que nunca. Lembrou-se de conversas com o produtor Jaci Campos, na TV Tupi, nos tempos do clube do Rock, sobre esses cursos de televisão como Jack Havia feito com bolsa de estudos [...] (MOTTA, 2007, p. 40)

Com o estilo bossa nova já em alta, além de outros meios que o incentivavam cada vez mais a tomar rumo, partiu de carona com um grupo de religiosos para os Estados Unidos, além de levar roupa na mala, alguns dólares, também levaria consigo a cara e a coragem, já que não falava o inglês.

Depois de algum tempo no país norte americano, entre situações difíceis e novas experiências, foi aos poucos conhecendo gírias e palavrões, convivendo com a música de rua junto com outros jovens negros e porto-riquenhos com quem sempre estava perto, adotou o nome de Jimmy the brazilian. Vivendo em uma nova onda negra, estava aos poucos formando pequenos grupos que se envolviam numa batida mais sincopada<sup>2</sup> e estilista onde os olhos e ouvidos assombrados do jovem Tim iam sentindo-se cada vez mais em um mundo novo, se abrindo e surgindo na mente novas ideias e um novo estilo que ainda estava em desenvolvimento, mas que já dava os primeiros passos, além de fumar um de seus primeiros entorpecentes.

A onda do estéreo ia revolucionando aos poucos a moda dos discos, que impulsionados por artistas negros como Ray Charles e The Marvellets, dava uma tonalidade a mais nas canções e seria como saborear a um novo gosto da cultura internacional com a formação de um pequeno conjunto, o The Ideals

[...] no final de 1961, conheceu o ítalo-americano, também músico e cantor, e começaram a fazer planos pra um conjunto vocal... Tim Chamou Cornelius, um jovem negro que conhecera cantando num bar, nascia The Ideals, dois brancos e dois negros cantando rhythm-and-blues, com vocais à for Tops [...] (MOTTA, 2007, p. 49)

Diferente do que tinha acontecido quando Tim saiu do Brasil *sem lenço e sem documento e apenas um rapaz latino americano sem dinheiro no banco e sem parentes importantes no interior*<sup>3</sup>, ia cada vez mais acostumando-se ao novo estilo e abraçando suas novas ideias, como também ganhando uma nova experiência com o som. Tecnicamente o estilo soul que em português significa alma seria uma característica oriunda do blues e o gospel norte-americano que ia nascendo no final da década de 1950<sup>4</sup>, já com seu maior molde no início de 1960 principalmente nos guetos e cantado por grupos negros, esse mesmo termo seria também usado para designar um adjetivo que referia ao afro-americano, também é

<sup>2</sup> Em música, síncope é uma figura rítmica caracterizada pela execução de som em um tempo fraco, ou parte fraca de tempo que se prolonga até o tempo forte, ou parte forte seguinte de tempo, criando um deslocamento da acentuação rítmica.

<sup>3</sup> Nesse trecho, faz uma referência as canções populares (Alegria alegria) e (Apenas um Rapaz latino americano) interpretadas pelos cantores Caetano Veloso e Belchior.

<sup>4</sup> Revista ISTOÉ a volta do Soul/ istoé.com.br, acesso em 17/08/18



importante ressaltar que apareceu em uma época em que diversos movimentos sociais iam tomando folego a exemplo de discursos antirracistas discutidos por líderes como Malcon X e Martin Luther King, mobilizando populações sobre crimes cometidos contra negros.

Tim estava começando a compor suas primeiras experiências musicais que seriam o resultado de sua convivência com outra cultura, quando namorou uma filha de um pastor presbiteriano, estava apaixonado e logo idealizou a canção *New Love* (novo amor), sendo seu primeiro soul, que também seria misturado com o estilo bossa que estava alcançando outros territórios naquela época, mas com o inverno Nova-yorkino quebrando o vento logo quis mudar-se para regiões mais quentes, porém de uma forma ilícita, pois com alguns amigos furtou um automóvel para fazer uma longa viagem onde cruzaria pelo menos nove Estados norte-americanos.

Mesmo depois de seguir viagem em um veículo roubado, Tim e seus amigos passavam pelos lugares praticando pequenos furtos para sustentarem a diversão, mas que já começava a sentir o peso de sua cor de pele por onde passava, pois naquela época o preconceito racial em muitos Estados não dava trégua, até mesmo antes quando ele ainda estava em Nova York dificilmente conseguiria um lugar para alugar.

[...] preto e latino ao mesmo tempo, Tim já sentira na pele o preconceito e a discriminação quando tentava alugar um apartamento em Nova York. Pelo telefone seu sotaque era perfeito e educado, tudo corria bem. Mas quando se apresentava ao local, a pia estava sempre entupida, o cano furado ou o apartamento já tinha sido alugado. Em Estados como Geórgia, Alabama, Mississippi, havia banheiros para brancos e coloreds e lugares separados em restaurantes. Nos bares eram comuns cartazes “negro, leia e corra. Se não souber ler, corra do mesmo jeito”. [...] (MOTTA, 2007, p. 51)

Depois de bebedeiras, confusões e outras aventuras, Tim e sua turma foram pegos pela polícia, o mesmo foi para a penitenciária agrícola de Daytona na Florida, depois de julgado foi trancado em uma cela cheia de presos e se envolvendo em mais confusões.

Mesmo estando na prisão, a música e as ideias estavam acompanhando-o, transferido para outro pavilhão ouvia no rádio cantores como Steve Wonder, que também era um artista negro e sofria com problemas de visão, mas que iniciara sua carreira bem cedo, na faixa dos doze anos de idade. Assim como Tim, Steve Wonder mesmo sendo portador de necessidades especiais não deixou de revelar seu grande talento para a música, também começou a tocar

instrumentos ainda bem no começo da vida a exemplo do piano, gaita, bateria e baixo<sup>5</sup>, também em sua infância participava de grupos da igreja.

Depois de sua trajetória na cadeia, Tim Maia finalmente foi deportado de volta para seu país de origem, nesta mesma época, movimentos de favores por igualdade racial ganhavam cada vez mais força nos Estados Unidos, onde formavam uma ação de combate ao racismo.

Em 1964, um enorme passo foi dado com a aprovação do Civil Rights Act, legislação que declarava a ilegalidade da discriminação baseada na raça, cor, sexo, religião ou origem, dando um grande impulso à integração racial em espaços e instituições públicas. (FRANCISCO, 2015)

No país norte-americano, mesmo com certa resistência os movimentos sociais ganhavam impulso de maneiras diversas, dentre eles os mais conhecidos tratavam de conseguir reformas nos Estados Unidos para finalmente abolir a discriminação e a segregação racial no país. No Brasil ia começar pouco tempo depois da chegada de Tim Maia o regime militar, que foi instaurado na madrugada de 31 de Março de 1964<sup>6</sup>, onde teria uma duração de 21 anos de existência restringindo direitos e liberdades como obras de arte, filmes, novelas e a música, além de outros problemas que a ditadura militar ocorrida até 1985 ainda ia causar, portanto o que (REGINATO, BEZERRA, 2017) justificam que diante desse período os brasileiros estavam sob as rédeas de um governo autoritário enquanto James Brown alcançava também seu auge no fim da década de 1960 com o estilo mais direcionado ao funk.

Tim Maia agora com 21 anos de idade e recém chegado ao Brasil, não tinha trazido consigo bens materiais significativos, porém dentro de si carregava um bom inglês, além de algo também muito importante, o seu som e o seu ritmo.

De volta pra casa, Tim ainda se envolveu em mais confusões chegando até mesmo a ser preso por furto e dentro da cela fez uma reflexão de si mesmo até papeando em jornais e revistas sobre o sucesso que seus antigos amigos estavam fazendo a exemplo de Roberto Carlos. Depois que saiu da cadeia foi atrás do tão sonhado prestígio e apesar da caminhada nada fácil que teve de enfrentar, conseguiu gravar seus primeiros singles. Como muitos artistas naquela época, foi em busca de Roberto Carlos para mostrar seu talento, iniciando também em pequenos shows em boates mais modestas na capital do Rio de Janeiro.

Ao longo de sua trajetória artística, entre 1968 e 1970 lança seus primeiros álbuns pelo selo Polydor (antiga Polygram), fazendo canções ao estilo soul, com uma batida mais

---

<sup>5</sup> [www.geledes.org.br/](http://www.geledes.org.br/) hoje na história, acesso em 21/08/18

<sup>6</sup> [Cpdoc.fgv.br/ produção/dossies/fatosimagens/golpe 1964](http://Cpdoc.fgv.br/produção/dossies/fatosimagens/golpe%201964), acesso em 22/08/18

sincopada, um estilo diferente e propriamente único para a época, suas gravações levavam horas para ficarem prontas, pois Tim reclamava muito com os músicos, chegando até mesmo a assumir instrumentos como a bateria para demonstrar como realmente queria que o acompanhamento saísse, mas que antes de tudo ocorrer ele já espantava a todos com sua voz

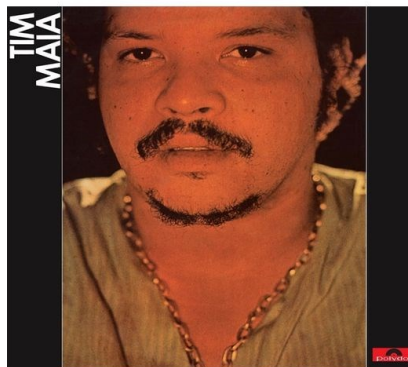
[...] não se impressionou muito com o mulato gordinho de cara redonda, de expressão ao mesmo tempo muito simpática e muito ameaçadora, que foi logo pedindo o violão a Almir. Quando soltou a voz, Juacinto levou um susto, ficou paralisado durante toda a música, Wonderful World, de Sam Cooke, que Tim cantava como um negão americano, com um fraseado sinuoso e cheio de vibratos, gritos e firulas vocais. Pobre Juacinto, que nunca tinha ouvido falar em Soul nem Rhythm-and-blues [...] (MOTTA, 2007, p. 60)

Segundo (MOTTA, 2007) Juacinto, seria um paraguaio que cantava a voz de outros artistas latinos como o próprio Lucho Gatica e circulava na noite paulistana, conhecendo a Tim nas noites em pequenas apresentações, ficando surpreso com o jeito e a desenvoltura apresentadas além de ganhar um novo amigo. Em relação a este comportamento e a forma Maia de apresentar-se, remete no que o som e a fala podem demonstrar a uma característica sólida, remete a situação aprendida muitas vezes com convivências e experiências, comparado a modelos que seriam mais recorrentes na união do sentido ao texto reunido com o som, a canção e a música<sup>7</sup>, que unindo com a cultura norte-americana inserida por Tim Maia, a música nacional foi ganhando aos poucos um novo corpo, pois em suas melodias era impossível não identificar através de gestos e tons agudos e graves como ele cantava a exemplo da canção *Eu amo você* 1970.

Toda vez que eu olho  
 Toda vez que eu chamo  
 Toda vez que eu penso  
 Em lhe dar  
 Ah! Ah!  
 O meu amor  
 Oh! Oh!  
 Meu coração  
 (Pensa que não vai ser possível!)  
 De lhe encontrar  
 (Pensa que não vai ser possível!)  
 De lhe amar  
 (Pensa que não vai ser possível!)  
 De Conquista – la ...

<sup>7</sup> FINNEGAN, Ruth. **O que vem primeiro:** O texto, a música ou a performance? . Tradução de Fernanda Teixeira de Medeiros, p. 15

Nesta canção gravada no álbum de 1970, o cantor remete uma desenvoltura sem igual, com tons e gemidos no final de uma voz aguçada que acompanha a letra cantada, nota-se algo que lembra muito o estilo jazz and blues associando basicamente com obras de grandes cantores norte americanos como Ray Charles na canção *Georgia On My Mind* e Gary B.B. Coleman em *The Sky is Crying*, não apenas nos sons de acompanhamento, mas também na percussão e instrumentos que o coral realizam. Outra observação importante seria a capa do disco que traz essa obra, pois ela faz o uso do cabelo Black Power cortado pela foto mas perceptível, visando um gênero que identifica sua obra, estilo e orgulho de identidade.



Em referência as capas de discos que Tim Maia se apresenta, é inegável sua mensagem e seu visual Black, que se destaca numa forma perceptível e ao mesmo tempo subliminar, outro exemplo pode ser identificado em mais um álbum de 1977, onde traz consigo canções de estilo soul remetidas para mais um verão carioca, lançado pela então Som Livre, estúdio pertencente as organizações Globo, nesse trabalho o cantor destaca batidas suingadas como o soul, funk e o disco, onde esse último estilo na época embalava bailes em vários lugares do mundo fazendo versão a grupos musicais internacionais como KC and The Sunshine Band, Boney M, Abba, entre outros do gênero, além de destaque de hits de sucesso nas paradas como *Ma Baker*, *Daddy Cool*, *Give it Up* e *Down Deep Inside*.

Estilos esses que também sofreram influências do soul e do funk<sup>8</sup>, com embalos de colcheias e fusas<sup>9</sup> em conjunto com um som bem repetitivo, das linhas de um baixo elétrico ritmadas do funk.

<sup>8</sup> Michaels, Mark. (1990). *The Billboard Book of Rock Arranging*.

<sup>9</sup> Colcheia é a figura musical cuja duração é de 1/8 de uma semibreve ou metade de uma semínima. A colcheia é representada por uma elipse (conhecida como "cabeça da nota"). Fusa é a Nota musical cuja duração é de 1/32 de uma semibreve ou metade de uma semicolcheia

LP de 1977, Tim Maia repercute a imagem da era disco na identidade Black Power, dando contraste de sua imagem como surgida da escuridão em contraste do baixo foco de luz.



Na observação desses trabalhos, o estilo disco que se tornara uma febre musical na década de 1970, demonstra uma força de jovens negros e a volta de Tim Maia depois da Cultura Racional<sup>10</sup>, que formularia o Black Rio e também originando músicas de sucesso na voz de outros artistas como o próprio Jorge Ben Jor com o sucesso *Xica da Silva* no álbum *África Brasil*, pois esse movimento chegaria a ter nessa época em torno de 300 bailes por fim de semana<sup>11</sup> pois interessava as pessoas a esse tipo de som que também misturava outros estilos que além do soul e o jazz também englobava a outros como o samba e o forró, assim como (GOMES, 2017), a musicalidade é um dos instrumentos mais fortes da cultura afro, desde antes da escravização, pois com seus ritmos marcavam um trabalho do coletivo para um todo e assim passava seu conhecimento para outras gerações.

[...] junto com os discos de Tim, eles definem o surgimento de um fenômeno sócio musical-comportamental que foi chamado de Black-Rio [...] enquanto a juventude caprichava nos figurinos inspirados nos negros americanos e criava suas próprias coreografias individuais e de grupo [...] era projetado cenas de filmes e de grandes atletas negros como Muhammad Ali e músicos como Wilson Piquet [...] (MOTTA, 2007, p. 155)

A era disco influenciava também em tele novelas a exemplo de *Dacing-Days*, que foi produzida entre os anos de 1978 a 1979 no horário das 20 horas, sua produção se repercutiu em mais de 80 países além do Brasil.

Nas gravações de obras ao estilo Tim, os técnicos da CBS não tinham uma boa noção de como gravar o tom de batida da bateria por exemplo, ou então o brilho e a nitidez que

<sup>10</sup> Cultura Racional é uma religião brasileira derivada do espiritismo, fundada em meados da década de 1930, no antigo Distrito Federal, pelo médium carioca Manoel Jacintho Coelho, então presidente de um Centro Espírita denominado Tenda Espírita Francisco de Assis.

<sup>11</sup> LAURO, Marcos. Movimento Black Rio: o The Get Down brasileiro, access\_time 17 out 2018, 05h35 - Publicado em 11 maio 2017, 17h15.

trazia o metal de uma guitarra, entre outros fatores determinantes que faltava o som agudo, grave e o eco, o que segundo Tim a canção perdia toda sua forma original.

Essa mesma originalidade que uma composição pode trazer dentro de si, envolve uma performance que a torna sem igual assim como (FINNEGAN, 2008), onde a mesma estaria incluída em uma análise de palavra cantada por meio da voz, afinal o canto em si é entendido como uma performance, que seria seguida por uma batida no mesmo sentido do canto, assim como as canções *Eu amo você* 1970 (citada anteriormente) e *Gostava tanto de você* 1973 como um outro exemplo.

Outro detalhe influente na MPB refere-se em parcerias importantes com artistas de cunho notório, a exemplo de Elis Regina em *These are songs*, Jorge Ben Jor em *Lorraine* e seu ex-parceiro de grupo Roberto Carlos em *Não vou ficar*, pois através da participação desses hits, levou em consideração uma batida mais diferente transmitida pelo soul, esses mesmos artistas puderam conhecer o mesmo mundo novo que Tim Maia conheceu quando estava nos Estados Unidos, embora que a faixa cantada tenha sido mais romântica, mais acelerada, ou muito lenta, mas que ouvindo bem, é inegável não sentir traços remetidos do soul nessas canções.

Mesmo inserida de uma forma que não seja perceptível aos nossos ouvidos, o ritmo esta lá, embalando a obra e com certeza vamos sentir diferença de uma música se a mesma não estiver na sua forma completa

[...] sons e ruídos estão impregnados em nosso cotidiano, de tal forma que, na maioria das vezes, não tomamos consciência deles. Eles nos acompanham diariamente, como uma autentica trilha sonora em nossas vidas, manifestando-se sem distinção nas experiências individuais ou coletivas, isso ocorre porque a música trabalha com sons e ritmos nos seus diversos modos e gêneros, geralmente permite, varia as mais variadas atividades sem exigir atenção centrada do receptor [...] (MORAES, 2000, p. 204)

A música pode trazer consigo ações até mesmo relacionadas ao nosso cotidiano, usada como pesquisa e fonte histórica, sua performance engloba a sua época que foi elaborada podendo até mesmo ser demonstrada como assunto em estudos acadêmicos ou até mesmo em sala de aula a uma turma de ensino médio por exemplo, destacando-a como atributos de quem a cantava, porque a cantava, que período ela estava sendo executada e a diferença dos arranjos que a compõem em diferente do que é visto hoje em dia.

Se tratando sobre a cultura negra que faz referência ao nosso estudo, Tim Maia assume sua identidade como negro, tendo orgulho de sua raça em atitudes bem populares como o próprio sexo e estilo comportamental.

[...] nunca broxei [...] acho que é saúde mesmo e tomo muita vitamina, sou meio erótico, sou mulato, sou mestiço [...] sem discriminação, dizem que o francês tem uma média de sexo de quatro minutos, o europeu no máximo seis minutos e que o africano é quarenta minutos [...] tenho uma boa parte negra que funciona legal [...] (MAIA, 1997)

Outro importante fator é que o cantor tem na sua opinião em vivermos num país racista, havendo um lugar que constitui em sua biologia uma miscigenação natural, porém, por aqui tem que se levar uma vida brincando<sup>12</sup>, além de trapaças que caíram no limbo incluindo as próprias gravadoras nacionais, onde artistas são presos em seus direitos e lesados na comissão de suas obras sendo elas tanto interpretadas como compostas, explicando o motivo de ter aberto a sua própria gravadora que antes chamava-se SEROMA, abreviação de seu nome Sebastião Rodrigues Maia, posteriormente mudando o nome de fantasia para Vitória Régia Music, orgulhava-se de dizer que a mesma pagava os direitos até nos domingos e feriados e depois das vinte e uma horas.

Tim Maia mostra em um documentário feito em sua homenagem pela TV globo, se referindo que sempre se intitulou do tipo preto, pobre e cafajeste, mesmo sendo um homem polêmico, tinha uma característica bem peculiar que seria a sua falta em algumas apresentações até mesmo em casas de shows renomadas como o próprio Canecão onde já se apresentaram personagens ilustres, reclamava que para aparecer em programas como a Jovem Guarda, tinha que ser mais “boa pinta” e o Tim seria do tipo mais beijudo e um velho conhecido por Erasmo Carlos e Roberto Carlos por “Tião Maconheiro”, então não rolava nenhuma apresentação em programas comandados por ambos<sup>13</sup>. Depois de muita procura finalmente em 1968 ele consegue lançar um compacto simples e apresentar-se no palco da TV Record ao lado dos reis do ieieie.

Outro ponto importante além de sua personalidade forte seria o que caracteriza o orgulho de sua raça, contando ao menos em sua versão histórica sobre a influência negra no Rio de Janeiro.

---

<sup>12</sup> Entrevista concedida na TV Gazeta com Juca Kfourri, exibida em 27/03/1997

<sup>13</sup> MAIA, Tim. Por toda minha vida. (Documentario), disponível em: [www.youtube.com](http://www.youtube.com)

[...] a influência negra, porque a gente não tem olho azul né? A gente tem influência negra porque a gente é preto pôw, sou preto então eu tenho influências [...] por exemplo, aqui é o Rio de Janeiro, aqui era Angola e Angola era no Rio de Janeiro, então eu estou vivendo em Angola, aqui é a Sernambetiba mas realmente é Angola, [...] estamos na África [...] (MAIA, 1987)

Talvez a relação histórica que o cantor se refere pode ser apontado por muitos historiadores que acreditam na razão de acúmulo da exploração de mão-de-obra indígena referida em comparação ao trabalho escravo,<sup>14</sup> que seriam mais resistentes e muitos desses escravos eram provenientes de regiões africanas como a conhecida atualmente República de Congo e principalmente de Angola para trabalharem em canaviais e nos engenhos da capitania do Rio de Janeiro, que iam substituindo o trabalho dos nativos pela massificação de africanos, que vinham sobre condições precárias em navios, principalmente na última década do século XVII, onde o Rio era praticamente um porto negreiro<sup>15</sup>.

Assim como Tim Maia, outros artistas negros se destacaram na música popular brasileira a exemplo do próprio Jorge Ben Jor, Sandra de Sá, Jackson do Pandeiro, Jair Rodrigues, Wilson Simonal, entre outros. Esses mesmos artistas também negros de nossa MPB, em seu repertório trazem sempre uma característica natural de estilo e criativa em sua música como sua desenvoltura e espontaneidade, já Tim em seu estilo envolvente e sincopado além de seu prestígio com o público, deu força e inspiração a estilos ouvidos principalmente nas periferias cariocas a exemplo do funk e o rap.

Estimulado por Tim a exemplo da Própria cantora Sandra de Sá, revela a canção popular não apenas como uma arte qualquer, mas como identidade de gênero a exemplo da obra *olhos coloridos* (1986), onde destaca bem os traços negros e o orgulho de sua raça, raça negra inserida dentro de todo o brasileiro. Na contribuição contra o racismo Tim Maia também lança a canção *África mãe* (1997), onde repercute nossas origens e a luta por igualdade, outra característica que chama atenção dessa canção é seu compasso, pois lembra batuques e gingas como de um grupo étnico africano.

**África Mãe (Poema Musicado)**  
**Tim Maia**

... Mas eu insisto  
Pois eu existo  
Quero respeito, não abro mão  
E sem nos dar a mínima

<sup>14</sup> História do Brasil/ cidade do Rio de Janeiro. Multirio.rio.rj.gov.br. acesso em: 07/09/18

<sup>15</sup> MAIA, Tim. Por toda minha vida. (Documentário), disponível em: [www.youtube.com](http://www.youtube.com)



Ou estudar  
 Para que jamais ficássemos  
 Em condições igual  
 Humilhação, maus tratos  
 Surras, torturas sem igual  
 Quase total extermínio  
 De uma raça tão legal  
 Capaz, inteligente e sobretudo bonita  
 E os anos passaram  
 E foram passando  
 E pouca coisa mudou  
 ... E pouca coisa mudou  
 Pois o povo  
 Que aqui foi trazido acorrentado  
 Ainda continua preso a condições  
 Ainda piores que no passado  
 Escravidão  
 Ainda é visível e constante  
 O preconceito, firme e ambulante ...

Canções consideradas negras contribuíram muito para nosso repertório nacional, o país até onde se sabe teve sua fundação sobre uma escravização e a consequente submissão de pessoas que foram sequestradas da África, dos diversos modos que lutaram contra a opressão, a música seria uma das principais formas de resistência encontrada, ritmos de raízes como o jongo ao samba, até nos dias de hoje como o rap e funk, continuam sendo uma maneira de resistir ao sistema racista de ontem, hoje e sempre, na canção Tim Maia revela; “*Quero respeito, não abro mão...*” demonstra sua insatisfação perante a sociedade que ainda desvaloriza pessoas em um país que é formado por uma maioria de pessoas que se auto declaram pretas ou pardas<sup>16</sup>.

Na letra da canção anterior, ainda alguns trechos chamam atenção por uma causa de impacto ao que vai refletindo aos dias atuais; “*Capaz, inteligente e sobretudo bonita, e os anos passaram e foram passando e pouca coisa mudou ...*” portanto aborda questões ainda em tabu na relação a locais como departamentos e setores de algumas empresas como o seu quadro de funcionários ou quantos negros matriculam-se ou frequentaram cursos universitários, quantos chefes em repartições públicas são negros, entre outros fatores atuais. Situações como essas mostram o Brasil ainda como um país de desigualdades existentes, demonstrando que até mesmo a relação média de salários de pessoas negras ainda é a metade das pessoas brancas, além da taxa de homicídios alarmantes de jovens negros entre 15 a 29

---

<sup>16</sup> [www.geledes.org.br](http://www.geledes.org.br). Acesso em: 22/11/18.

anos de idade<sup>17</sup>, além de observarmos mesmo que de forma despercebida, mas na maioria dos programas televisivos o negro sempre faz papéis secundários, geralmente de empregadas domésticas ou motoristas, além de vermos nos edifícios de alto padrão um elevador de serviço para funcionários em sua maioria negros, portanto chega à conclusão que a visão do negro em muitos pontos na sociedade ainda é visto como seres para o trabalho remetendo assim o trecho final da canção citada acima; *“pois o povo que aqui foi trazido acorrentado ainda continua preso a condições ainda piores que no passado, a escravidão ainda é visível e constante o preconceito, firme e abundante...”*

Sobre tudo a canção *África mãe* em seu título já menciona perfeitamente nossas origens, pois o continente africano até hoje é considerado por historiadores como berço da humanidade e foi a partir dela que o homem saiu em sua caminhada para diversas regiões do planeta habitando-o aos poucos, esse título não apenas faz um registro da canção mas aponta pela igualdade de todos, pois nossos ancestrais um dia saíram da África para então povoar o planeta e isso não difere um ao outro em nada, a escolha dessa canção me chama atenção por seus traços históricos remeterem temas tão atuais.

Dentre tantos sucessos lançados pelo artista, suas canções dão ao estilo popular não apenas um entretenimento, mas uma arte que deve ser observada mais afundo, pois também remete traços sociais fazendo um registro que sempre deve ser abordado e discutido como temas relacionados ao nosso estudo e cotidiano, musical e social.

Em minha graduação no curso de história na Universidade Federal de Campina Grande, tive a oportunidade de abordar aspectos e fontes históricas em relação a música popular, essa pesquisa me chama atenção até os dias de hoje, pois nos estudos que andei pesquisando descobri que a mesma tem um ser cultural e social muito rico, no curso de educação para as relações étnico raciais resolvi fazer um estudo sobre o cantor Tim Maia, desde sua trajetória cheia de preconceitos sofridos até seu uso da arte musical como resistência, durante este tempo em que abordei aspectos históricos e o trabalho do artista, visei principalmente canções como *Eu amo você* e *África mãe*, uma por sua melodia e ritmo, a outra pelo teor de sua letra, percebi que o estilo soul foi aos poucos se inserindo na música popular remetendo traços que seriam derivados do blues e do jazz, valorizando e influenciando também outras culturas como o próprio funk e o rap, pois acima de tudo o estilo negro na música reflete um ato de resistência mesmo que despercebido ao público, mas visível ao pesquisador.

\*

---

<sup>17</sup> Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) com a Fundação João Pinheiro (FJP) e com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), [www.geledes.org.br](http://www.geledes.org.br). Acesso em 22/11/18

Meu trabalho não apenas enfatiza sua obra, mas também um preconceito inserido no cotidiano e que infelizmente de muitos modos caíram no limbo popular, busco demonstrar em minha abordagem na imagem do cantor Tim Maia que mesmo depois de influente passou por situações desagradáveis em sua vida, fazendo exemplo que muitos brasileiros ainda atualmente sofrem diversos tipos de preconceito e o racismo é o mais clássico deles, então o cantor abordado nesse trabalho busca o incentivo de que cada um faça sua parte para resistir ao mau do preconceito como mostra um dos trechos iniciais da música *África mãe*

E para que isso mude  
Cada um tem que fazer o seu papel,  
exigir respeito  
andar direito  
ser exemplar  
levantar o peito  
erguer a cabeça  
e ter confiança, formar lideranças (idem)

Demonstrando atitude de não ficar calado diante de injustiças e corrigir o que está errado em nossa sociedade atual. Para tantos eventos basta vermos outros episódios ocorridos não apenas no Brasil, mas no mundo como o caso Ruby Bridges, que em 1964 em Nova Orleans, começou a frequentar uma escola de brancos, dando início a uma luta que mais tarde se tornaria símbolo de resistência<sup>18</sup>. Devemos observar feitos como esses para tomarmos ciência dos fatos que percorrem o mundo para não cometermos os mesmos erros já acontecidos.

---

<sup>18</sup> Conheça a primeira pessoa negra a entrar em uma escola só de brancos / [www.youtube.com](http://www.youtube.com) visualizado em: 03/11/18

## REFERÊNCIAS

BEZERRA, Júlia. REGINATO, Lucas. **Funk**: a batida eletrônica dos bailes cariocas que contagiou o Brasil – SP: Panda books, 2017.

FINNEGAN, Ruth. **O que vem primeiro**: O texto, a música ou a performance? Tradução de Fernanda Teixeira de Medeiros.

FRANCISCO. Flávio Thales Ribeiro. **O racismo nos Estados Unidos**. Disponível em: <[www.cartaeducacao.com.br](http://www.cartaeducacao.com.br)> – acessado: 20 de Jun. de 2015.

GOMES, Maria Neiva. **A musicalidade negra como resistência**. História incomum. <[www.geledes.org.br](http://www.geledes.org.br)> – acessado: 18 de Jun. de 2015.

LAURO, Marcos. **Movimento Black Rio**: O The Get Down brasileiro. – acessado: 18 de Jun. de 2015.

MOTTA. Nelson. **Vale tudo: o som e a fúria de Tim Maia** – RJ: Objetiva, 2007.

MORAES, José Geraldo Vinci de. **História e música: canção popular e conhecimento histórico**. UEP – UNESP, 2000

## REFERÊNCIAS DE VIDEO

Entrevista com Juca Kfourri – TV Gazeta. Exibida em 27/03/1997. Disponível em: <[www.youtube.com](http://www.youtube.com)> – acessado: 13 de Jun. de 2015.

Jô Soares 11 e meia entrevista - Tim Maia. Publicado em 14 de Março de 2015. Disponível em: <[www.youtube.com](http://www.youtube.com)> – acessado: 18 de Jun. de 2015.

Léo Maia no The Noite – SBT. 12/05/2015. Disponível em: <[www.youtube.com](http://www.youtube.com)> – acessado: 17 de Jun. de 2015.

Por Toda a Minha Vida, Tim Maia. Publicado em 8 de Janeiro de 2001. Disponível em: <[www.youtube.com](http://www.youtube.com)> – acessado: 15 de Jun. de 2015.

Os Anos 80 Estão De Volta. Temporada 1, Ep. 07 - O Soul O Hip Hop e a Arte de Rua. Disponível em: [www.youtube.com](http://www.youtube.com) – acessado: 18 de Jun. de 2015.

Tim Maia. Duração: 15 min, Gênero: Documentário, Diretor: Flávio R. Tambellini, Ano: 1987, Formato: 35mm. País: Brasil, Disponível em: <[portacurtas.org.br](http://portacurtas.org.br)> – acessado: 18 de Jun. de 2015.

## ANEXO, CD DE MÚSICAS

**Eu Amo Você** - Lado B, faixa 1. LP 1970. Selo Polydor.

**África Mãe** – 1998, Disponível em: [www.lettras.mus.br/tim-maia](http://www.lettras.mus.br/tim-maia)